

>> PROF. EDUARDO PAZ FERREIRA

## AS SETE VIDAS DE JOSÉ MEDEIROS FERREIRA <sup>1</sup>

Queria felicitar muito vivamente o Presidente Mário Soares por esta série de encontros sobre a temática “Vidas com sentido”. Portugal é um país muito injusto, onde se esquecem as pessoas com grande facilidade, aquilo que elas fizeram, a contribuição que deram para a vida colectiva e para o avanço das sociedades. E esse é um pecado que não pode ser assacado nem à Fundação, nem ao Dr. Mário Soares.

Entre essas vidas, é curioso – o Dr. Mário Soares já o assinalou – houve pessoas que ao longo dos tempos foram tendo uma relação política intermitente com ele e com o Partido Socialista, mas o que é certo é que ao fim destes anos todos ainda aqui estamos juntos. Esta continua a ser a nossa grande referência final. Esta casa onde, de alguma forma, se junta essa sabedoria acumulada daqueles que lutaram pela democracia e pelo socialismo, que nem sempre estiveram de acordo com os ritmos, os procedimentos, com vários aspectos, mas que estão, de novo, unidos, não diria nesta luta final, mas em qualquer coisa de muito semelhante.

Quando digo que foram aqui evocadas pessoas que tiveram relações intermitentes com Mário Soares, e com o Partido Socialista, penso, designadamente Francisco Salgado Zenha, outra grande figura que marcou o século XX português e que, infelizmente, também faleceu quando ainda se podia esperar muito dele para esta luta final.

Eu sou, em grande medida, como Tennyson diz num belo poema *Ulysses*: “o fruto das pessoas que fui encontrando ao longo da minha vida”. Muitas destas pessoas estão na lista dos homenageados, já foram aqui referidos, e muitas outras estão nesta sala. A todos devo um pouco daquilo que fui construindo, aquilo que sou hoje. Naturalmente não vos quero responsabilizar por alguns disparates que faço e que digo, que esses são da minha exclusiva responsabilidade.

Suspeito que são poucas as figuras que tenham tido tanta influência sobre pessoas mais novas como José Medeiros Ferreira. No contexto de um colóquio dedicado à sua memória, a ter lugar na Fundação Calouste Gulbenkian, vai ser produzido um livro com vários testemunhos sobre a sua vida. O que tem sido, porventura, mais interessante nos textos que já chegaram é a importância que tem o lado humano de José Medeiros Ferreira. Eu diria que a maior parte das pessoas não se interessa tanto com a análise política ou com a carreira mas sim com a sua personalidade.

Hoje mesmo chegou um que me impressionou especialmente, de um seu amigo suíço chamado François Garçon, e que se intitula “Em homenagem àquele que me acordou”.

De uma certa forma, a Maria João Seixas disse-nos que ele também a acordou a ela. A mim, seguramente, acordou-me. Acordou tanta gente. É, verdadeiramente, uma homenagem muito tocante e é muito impressionante saber que, também na Suíça, ele prosseguiu essa missão de agitar consciências e tutelar — perdoem a expressão que pode parecer demasiado pesada — pessoas mais jovens.

<sup>1</sup> Intervenção na Conferência, “Vidas com Sentido”, no Auditório da Fundação Mário Soares, 23 de Outubro de 2014.

Quando Medeiros Ferreira vai para a Suíça tem 28 anos. Os seus colegas de faculdade, à época, têm 20 anos, como explica François Garçon. Nessa idade, como sabem, olhamos para alguém quase nos trintas como sendo já de certa idade. Medeiros Ferreira criava algum desconforto e, ao mesmo tempo, um sentimento de grande respeito pela atitude de ter defrontado a ditadura portuguesa, partindo para a Suíça. François Garçon conta que, no seu caso, era um rapaz pouco dado aos estudos, desinteressado da cultura, mais entretido com outras coisas. Até que, por um desses acasos, um Professor o fez trabalhar com um certo colega, criando um par um pouco desigual, em que um trabalharia e o outro não. E foi então que José Medeiros Ferreira disse a François Garçon — que cita isto em toda a amizade e simpatia — “Sabes, François, todos nós temos um cérebro e geralmente é rentável servirmo-nos dele”. E diz ele que este foi um grande estímulo a pô-lo pensar e a trabalhar. Qualquer coisa que podemos todos perceber, terá seguramente sido dito com aquele sorriso dele que evitava a hipótese de se tratar de um insulto desagradável.

De todos estes textos uma das coisas que mais perpassa é a alegria e optimismo de José Medeiros Ferreira, uma das suas características mais impressionantes também para mim.

Volto uma vez mais ao livro. É, de facto, um manancial extraordinário de recordações.

Um deles é do próprio José Medeiros Ferreira. Trata-se de uma carta, escrita quando tinha 17 anos — sublinho bem isto: escrita quando tinha 17 anos — e que dirigiu a uma grande amiga, Margarida Ponte Ferreira, Margarida Soares Ferreira, a Migui, como nós os açorianos a conhecemos, e que revela uma personalidade de uma maturidade e de uma sabedoria espantosas. Na mesma altura que ele parte para o continente, ela vai para Moçambique. O pai de Migui era um militar, especialmente adepto do regime, ainda que apesar das suas convicções salazaristas, tenha tolerado que os filhos tivessem lições de Filosofia com Medeiros Ferreira embora, como recorda a Migui, o achasse com “ideias demasiado avançadas”. Era uma expressão muito da época. Não era propriamente um elogio ter ideias avançadas, como sabem.

Então, Medeiros Ferreiras escreve à Migui “Vais partir. Talvez agora nos preparativos da partida e na ânsia da chegada ao desconhecido não intentes no que tal significa para a tua vida. Só mais tarde, na hora da retrospectiva saudosa, sentirás que delegaste a esta terra mais do que fortuitas amizades. Deixaste uma época, uma parte da vida, a casa onde habitaste, a rua onde moraste, a ilha onde viveste. Será então recordada com saudade, com nostalgia. O que será a nostalgia da terra onde se viveu senão recordar as pessoas que deram personalidade, cor e vida ao ambiente que emoldurou parte, ainda que restrita, da nossa vida. Mas o filósofo que há em mim cala-se por aqui. Tanto mais que já empreguei múltiplas vezes o vocábulo vida, quicá o mais precioso de toda a linguagem universal. É muito possível que jamais nos reencontraremos, por isso, ousa formular um desejo: que a felicidade sempre te acompanhe. Num amplo sorriso de alegria de viver, fora eu o senhor dos destinos humanos e diria simplesmente, empregando o modo imperativo, sê feliz. Mas a minha limitação de homem não me permite conjugar eficazmente o imperativo. Assim, limito-me a conjugar humildemente o optativo, oxalá sejas muito feliz. Tal desejo é formulado mui sinceramente e mui sentidamente. Muito mais poderia dizer mas o silêncio também se fala e se faz ouvir”.

Eu acho isto uma maravilha. Como é que com 17 anos se pode ter essa percepção e a noção da importância da felicidade na vida, que é uma ideia que não foi muito pacata para a minha geração, preocupada com outras coisas e para quem a felicidade individual não era, necessariamente, um objectivo central?

De alguma forma, esta sensibilidade que o Medeiros Ferreira revelava aqui tem seguramente a ver com aquilo que eram as características que ele próprio atribuía aos insulares e acho que, agora que ele não está aqui fisicamente para falar connosco, ninguém levará a mal que eu o cite um pouco mais, num texto extraordinário

chamado “A aprendizagem insular da cultura”, em que ele escreve: “ser criado numa ilha e depois ir viver para um continente é capaz de não ser a mesma coisa que o vice-versa. Essa diferença talvez derive da insularidade. A essência insular é paradoxal se encarada numa perspectiva ontológica. É um ente finito que se reconhece limitado, um ser inteiro mas incompleto. É um ente que quer ser. Como ente é finito, ou seja, autónomo. Como ser é imperfeito e a ele se aplica o que sobre o amor e sobre a sabedoria discorre Platão n’*O Banquete*. Do ponto de vista da aquisição de conhecimentos, o insular sabe que se passaram ou que se passam coisas que ele desconhece e pergunta “O que estará para além do horizonte?”. Nesse particular, o insular é um especulativo que não só imagina outros mundos vedados como tem uma propensão natural para olhar criticamente os fenómenos que se lhe deparam. Tem uma atitude de espírito kantiana, sobre cada fenómeno esconde-se misteriosamente um nómeno. Noutro plano de análise, pode dizer-se que o ilhéu é desconfiado. Ele desconfia duplamente da realidade que lhe é representada, por saber que ela não esgota o universo e por não permitir a revelação da verdade. Para um habitante de uma ilha, a maior parte do Mundo está fora. Ele sabe que há outros mundos.”

Essa ideia de que a insularidade contribui para esta posição que, muitas vezes, nós açorianos temos de procurar e interpretar sempre coisas que outras pessoas consideram gestos absolutamente normais e acidentais e a que nós temos a tentação irresistível de atribuir significados profundos, está aqui expressa de forma absolutamente magnífica. Na minha vida, esta faceta talvez me tenha provocado alguns dissabores, mas evitou-me muitos problemas.

Dito isto, não pensem que o Medeiros Ferreira nos Açores se entretinha só a desejar a felicidade individual às pessoas ou a assegurar a sua própria felicidade individual (e devo dizer que ele aí era imbatível). Nunca vi ninguém que tivesse uma tal alegria, um tal prazer nas festas. Já falei disto muitas vezes, mas eu, que era bastante mais novo, olhava para aquilo, quando ele tinha 20 e tal anos e eu 13 ou 14, e ficava muito admirado com a alegria enorme que ele tinha de ir às festas das filhas, dos filhos, da burguesia local, e de dançar todo o Verão, e a enorme alegria que aquilo lhe dava. Não era bem a minha ideia de intelectual. Um intelectual era uma pessoa mais sisuda, mais séria, não se dava com burgueses alienados.....

O tempo que eu perdi por não ter percebido a vida em todos os seus matizes tão cedo quanto ele percebeu...

Mas, para além disso, Medeiros Ferreira teve uma acção nos Açores decisiva do ponto de vista da agitação cultural e política. Há um conjunto de pessoas um pouco mais novas do que ele que, de alguma forma, são seus discípulos. Uns reconhecem-se mais nesta qualidade — nesta audiência está Mário Mesquita que seguramente não se sentirá incomodado por essa referência. Eu também me considero um discípulo um pouco mais novo. É inegável que, nos Açores, teve essa actividade intensa. Se é certo que na actividade política dele só muito mais tarde é que voltou aos Açores e aos temas açorianos, ainda assim deixou testemunho em três livros notáveis para quem queira conhecer melhor os Açores: *A autonomia dos Açores na percepção espacial da comunidade portuguesa*, *Os Açores na política internacional* e *Com os Açores no dobrar do século*.

O tempo que dediquei à parte açoriana da actividade de José Medeiros Ferreira confirma, talvez, uma ideia que a certa altura fez carreira no Partido Socialista, que é a de que haveria uma espécie de conspiração de uma máfia açoriana empenhadíssima em criar um grupo de pressão, naturalmente constituído por pessoas bastante suspeitas, não fossem eles insulares. O que é certo é que Medeiros Ferreira veio para Lisboa e tornou-se uma referência enquanto dirigente associativo, como foi sublinhado pela Maria João e, ainda hoje, é recordado como tendo tido um papel fundamental neste domínio.

Ele, em Lisboa, manda a verdade que se diga que também não se ocupou só de política. Também tratou de se divertir e bastante bem. Aliás, tinha um modelo na vida que era o irmão Luís. O Luís simbolizava para o José a ideia de alegria. Apresentou-me sempre o irmão como o exemplo da pessoa mais contente, mais feliz. Portanto, o José Medeiros Ferreira em Lisboa divertiu-se bastante, foi muito ao *Vavá*, fez amizade com alguns dos principais intelectuais dessa época, sobretudo os jovens cineastas que, então, despertavam. O número de amigos dele é infindável. Entrou na volúpia da cidade, suponho que com todo o deslumbramento de quem sai de um pequeno meio e chega à capital, por muito que Lisboa fosse uma cidade muito fechada, como António Cunha Teles mostra muito bem no filme *O Cerco*, uma sociedade muito parada, mas que tinha algumas coisas peculiares. Lembro-me, aliás, quando saiu o *Lisboa Anos 60*, da Joana Stichini Vilela, a alegria com que o José Medeiros Ferreira recebeu aquela publicação que lhe trazia de novo as imagens de Lisboa desse período, que nos aproxima muito do Fernando Lopes, o grande ilustrador dessa Lisboa e referência maior da vida intelectual, boémia e cultural desse período. Eu tinha uma grande admiração pelo Fernando e a morte dele foi qualquer coisa que me também atingiu profundamente, como creio que sabe a minha querida amiga Maria João, aqui presente.

Mas o que é certo é que se a vida de Medeiros Ferreira foi feliz em Lisboa, não se pode dizer que não tenha tido umas contrariedades razoáveis, desde a expulsão das Universidades à prisão pela PIDE.

A expulsão da Universidade insere-se numa história extraordinária: a da relação dele com o reitor Paulo Cunha. É uma história que começa pouco depois da chegada do José Medeiros Ferreira a Lisboa. Na altura, Portugal tinha posto uma acção no Tribunal Internacional contra o Estado Português da Índia por causa da invasão. O Ministro dos Negócios Estrangeiros era o Professor Paulo Cunha que foi fazer uma conferência ao colégio Pio XII, onde o Medeiros Ferreira não estava, mas tinha amigos e, portanto, foi assistir à sessão. Não sei hoje como é o colégio mas, naquele tempo, era frequentado por pessoas bastante acomodadas com regime e ele era, portanto, uma ave rara naquela assistência. Quando toda a gente aplaudia muito o Paulo Cunha, ele resolveu colocar algumas questões incómodas e os restantes assistentes queriam-lhe bater. Aí Paulo Cunha diz: “Ah, é preciso sabermos respeitar os adversários. Temos aqui um senhor que está a colocar questões muito interessantes”.

Começa, assim, um diálogo com o Medeiros Ferreira em quem penso que Paulo Cunha depositava grandes esperanças de que pudesse vir a ser um opositor à altura dele, que pudessem manter uma dialéctica entre o dirigente estudantil e o político depois reitor. A certa altura, a tensão agudizou-se, quando Paulo Cunha se torna reitor, chama o Medeiros Ferreira e informa-o que tinha contribuído, juntamente com o Professor Galvão Teles, para a sua libertação da cadeia, uma vez que impuseram a libertação dos presos estudantis como condição para aceitarem os lugares. Medeiros Ferreira não terá levado Paulo Cunha excessivamente a sério. Para quem conheceu Paulo Cunha, essa era a pior das ofensas possíveis: não acreditar nas suas afirmações. A partir daí, moveu-lhe uma marcação sistemática. Até que um dia o chamou à Reitoria e, com grande felicidade, declarou: “Foi desta vez. Apanhei-o. Está tramado”. E, de facto, Medeiros Ferreira foi expulso de todas as Universidades Portuguesas.

São coisas cuja violência é hoje para nós inimaginável: tirar a um estudante a possibilidade de estudar. É um gesto terrível. Devo dizer que lamento muito. A Universidade de Lisboa, por exemplo, reintegrou, e muito bem, Professores que tinham sido saneados após o 25 de Abril. Reintegrou-os, pagou-lhes os salários todos, tratou-os com a maior deferência. Mais tarde reintegrou, a título póstumo, os saneados pelo regime salazarista. O Professor Sampaio da Nóvoa foi responsável por esse processo, num acto muito apreciável.

Mas, quanto aos estudantes que foram expulsos a Universidade nunca houve um gesto público de reparação, de reintegração desses estudantes a título simbólico, qualquer que fosse, que notabilizasse a acção deles e que reparasse o pouco que era reparável.

O Medeiros Ferreira foi preso. Está nesta audiência o Nikias Skapinakis, seu grande amigo, que teve o prazer de privar com ele no Aljube, entre outras pessoas. Medeiros Ferreira ficou especialmente ligado ao Nikias e ao Joaquim Pinto de Andrade, duas referências permanentes para ele, daí em diante. O Nikias pintou nessa altura o belo retrato do José, em que o apanha com uma felicidade extrema.

Como o Medeiros Ferreira era um grande contador de histórias e não está, infelizmente, aqui para as poder contar, eu vou contando, por procuração, algumas histórias que são pouco conhecidas (procuração não é bem o caso, gestão de negócios, talvez, sem procuração), e que fui ouvindo ao longo dos anos e creio que são extremamente interessantes. Uma delas, muito impressionante, tem a ver com um célebre chefe da PIDE, o Sachetti, um personagem, ao que consta, especialmente sádico e que tinha por hábito passar a ver os presos políticos depois de ir ouvir ópera ao São Carlos, de *smoking*. Um dia fez uma provocação mais violenta ao Medeiros Ferreira, dizendo: “Você qualquer dia desaparece.” Ao que o Medeiros Ferreira responde: “Você está a brincar. A mim não me mata assim. Não sou uma camponesa alentejana”.

É uma frase exemplar da autoconfiança do Medeiros Ferreira, da forma como ele sabia valorizar o que representava e o que já nessa época simbolizava para a sociedade portuguesa. Não havia nenhum desprezo pela camponesa alentejana, pelo contrário: a PIDE, de facto punia mais ferozmente essas pessoas do que aqueles que tinham uma certa notoriedade. Não quer dizer que esses fossem muito bem tratados mas, apesar de tudo, o Sachetti explicou-lhe como seria fácil metê-lo num avião, abrir a porta no meio do Atlântico e deixá-lo cair como depois se tornou uma prática corrente na América Latina, infelizmente, nos anos das ditaduras militares, da operação Condor e de ignomínias que vivemos no século passado.

Esta é um dos traços impressionantes de Medeiros Ferreira: a coragem de enfrentar um adversário que tem tudo na mão. Preso, totalmente desguarnecido de qualquer possibilidade de reacção, mesmo assim, mantém aquele tom. A história é particularmente curiosa, porque o ouvi dizer várias vezes que o Medeiros Ferreira não se mata assim... Uma teve lugar quando ele foi aos Açores imediatamente antes de partir para o exílio. Eu e um grupo de jovens, mais ou menos da minha idade, estávamos muito preocupados com o que lhe podia acontecer e perguntámos: “Bom, mas tu como é? Vais para a Guiné? Podem-te colocar numa zona terrível” e ele deu uma gargalhada e disse: “O Medeiros Ferreira não se mata assim”. Isto ficou-me para sempre.

E, de facto, nada matou o Medeiros Ferreira, excepto a doença. Mas mesmo essa matou-o fisicamente, mas deixou-o connosco, bem com a este manancial de histórias e recordações. Nelas, se encontra sempre esta característica da coragem. Aliás, recorrendo à mesma fonte, a Maria Emília e o seu livro, o General Loureiro dos Santos, por exemplo, sublinha: “coragem para romper o *statu quo* quando entende que ele é prejudicial ao interesse nacional do qual tinha uma visão extraordinariamente rigorosa e adequada às circunstâncias internas e externas. Coragem para lutar tenazmente com a finalidade de contribuir para o estabelecimento de uma ordem política nacional que nos favorecesse. Coragem para afirmar as suas convicções mesmo contra a corrente dominante e independentemente dos riscos e dos juízos que isso implicasse para a sua vida pessoal. Coragem para defender as ideias que acalentava e alcançar os futuros que considerava serem mais favoráveis a Portugal e aos Portugueses. Coragem para ser aquilo que se costuma designar como um Português de lei.” Esse aspecto da coragem é um daqueles que ficará sempre comigo. O outro, como já afirmei, é a alegria, o sentido lúdico.

Vejam como a vida de Medeiros Ferreira evoluiu. Todos nós, mais ou menos, sabemos. Prometo não exagerar nesta descrição. Sabemos que partiu para o exílio, segundo ele próprio explica, na “Pátria Utópica”, belíssimo livro que reúne as contribuições dos exilados em Genebra que optaram por regressar a Portugal – razão pelo qual Carlos Almeida não faz parte desta publicação.

Sempre senti uma grande perplexidade pelo pouco material, histórico ou romanceado, sobre os exilados. Até que apareceu aquela muito interessante iniciativa do Amadeu Lopes Sabino À Espera de Godinho, a que, depois, em certo sentido, o grupo de Genebra respondeu com a *Pátria Utópica*, aliás, prefaciada pelo Amadeu Lopes Sabino. Enquanto os personagens da história que o Amadeu conta são os que ficaram no exterior, aqui são os que voltaram. São dois percursos difíceis do exílio: o percurso da partida e o percurso do regresso ou não regresso. O Medeiros Ferreira, como bem sabemos, no meio dessa alegria, no meio dessa espontaneidade, era uma pessoa muito rigorosa, muito formal, muito institucional. Quando saiu de Portugal, não o fez sem deixar um testemunho visível e, por isso, escreveu uma carta aos Portugueses a explicar a razão por que saía.

Essa carta foi distribuída por vários amigos, como Salgado de Matos, Jorge Silva Melo, Henrique Monte Lobo, entre muitos outros. Admito que não tivesse a circulação do *Correio da Manhã*, mas o importante era o conteúdo da mensagem, onde explica designadamente: “Abandono, pois, o exército português ao qual reconheço virtudes por ele estar a executar a sua guerra mais injusta estando pronto a reentrar nas suas fileiras quando esse exército voltar a defender o povo e lutar pela liberdade em Portugal”. Espanto-me sempre muito com uma coisa: era preciso uma grande coragem e princípios muito fortes para desertar. No entanto, depois do 25 de Abril, ser desertor continuou a ser uma espécie de um opróbrio na sociedade portuguesa. Veja-se, por exemplo, a própria campanha presidencial de 2011 do Manuel Alegre, atacado por ser desertor. Não deixa de ser chocante como é que isto se pode ter passado, seguramente, por culpa nossa, que deixamos que a cultura dominante continuasse a ser a mesma. Não fomos capazes de fazer o país cortar com esta cultura.

Depois, Medeiros Ferreira foi para Genève e, pelo que ele nos diz, divertiu-se tanto ou mais lá do que em Ponta Delgada ou em Lisboa. A mim disse-me que, no dia que partiu de Genève, despediu-se da cidade assim: “Adeus Genève, durante seis anos nunca me levantei antes das 9 da manhã”. Fantástico! Gostava de poder dizer o mesmo sobre Lisboa. Ainda hesitou um pouco, não tanto assim, mas considerou que tinham acabado os motivos que o tinham levado a sair e, portanto, tinha de voltar.

Uma questão clássica sobre o exílio é o que faziam os exilados, se se divertiam, se não se divertiam, se não deviam ter ficado na luta interna, se não deviam ter ido para a prisão ou para a guerra colonial. Em Genève, Medeiros Ferreira fez muitas coisas, além de se divertir, tal como ensinar o François Garçon a pôr o cérebro a trabalhar e outras coisas que tais. Publicou um Revista, a *Polémica*, em conjunto com António Barreto já aqui referido, o Carlos Almeida, o Eurico Figueiredo, o Manuel Lucena, que não estava em Genève mas que também estava associado a este grupo, e que era uma revista extremamente original no pensamento da esquerda portuguesa. O Pacheco Pereira tem aquele livro interessantíssimo *As Armas de Papel*, que faz um levantamento exaustivo de toda a imprensa clandestina dos tempos de oposição e em que, justamente, dedica uma especial atenção, colocando-o num patamar de distinção, à *Polémica*, como sendo um produto uma qualidade e um grau de elaboração excepcionais. Toda a gente tem essa percepção.

Além de ter feito a *Polémica*, foi-se dedicando a outras actividades, entre as quais a célebre comunicação ao congresso de Aveiro, que seria lida pela Maria Emília e onde, por um lado, profetizou que o regime acabaria por obra dos militares, deixando toda a gente mais ou menos perplexa, atónita e a comentar: “este rapaz está



lá fora, perdeu o contacto com o real. Passou-se da cabeça.” E lançou, também, a ideia dos três D’s (desenvolvimento, descolonização e democratização) que, depois, viria a ser assumida pelo MFA. Alguns sectores preferiam não reconhecer essa paternidade, outros, como por exemplo Vítor Alves, assumiram-na em pleno

O que Medeiros Ferreira fez em Genève foi, fundamentalmente, continuar a lutar pela democracia, pelo socialismo, pelas suas ideias.

Mário Soares sempre seguiu muito atentamente a carreira do Medeiros Ferreira, desde o início e, também, em Genève, mantendo sempre contacto e procurando que ele se aproximasse do Partido Socialista. E, de facto, quando Medeiros Ferreira regressou a Portugal, em certo sentido, foi justamente o que fez. Acabou por entrar no PS, depois de algum tempo, mas bem antes dos seus grandes amigos e companheiros de geração. Um deles, Jorge Sampaio, reconheceu a sua grande sagacidade, quando, não acompanhou algum dos seus próximos no processo que levaria à criação do MES e percebeu antes, dos seus variados *compagnons de route*, que o caminho possível estava no PS e que o urgente vertebrar da democracia portuguesa forçosamente iria passar por aí, pois que o que por cá acontecia não dava margem, nem tempo, para experiências ou demasiadas utopias.

Ainda antes da adesão ao Partido Socialista, deve referir-se a sua passagem pelo serviço militar. Tal como tinha prometido, apresentou-se para o cumprir, uma vez que o exército tinha posto termo a uma guerra injusta. Sei, agora, que foi por influência do seu irmão Arnaldo junto de Loureiro dos Santos que ele acabou por ser colocado na Quinta Divisão.

Confesso que sempre pensei que tinha sido o Coronel Varela Gomes que o tinha chamado, pensando que ia juntar toda a esquerda. Calculei o que teria sido a decepção do Varela Gomes quando percebeu que nem toda a esquerda era igual e que o José Medeiros Ferreira rapidamente seria a ponta de lança do combate contra a actuação do PCP na Quinta Divisão do Movimento das Forças Armadas.

Meu deus, como é que ele conseguia fazer isto? Em todos os sítios, arranjava sarilho, desordem, no bom sentido claro está, e na Quinta Divisão conduziu um processo de contestação aos ritmos da revolução. E desta forma, cumpriu o seu serviço militar e ficou de consciência tranquila.

Já me alonguei sobre a coragem dele, mas talvez o seu primeiro gesto de coragem tenha sido o de não ter seguido uma carreira militar. Como é conhecido, os irmãos são distintíssimos militares, hoje na reserva, o General Arnaldo e o Comandante Luís Medeiros Ferreira, o que faria dele o terceiro militar da família, destino que não aceitou. O pai ficou profundamente desiludido; e a inscrição em Letras foi o choque final. O pai só lhe disse: “ao menos fosses para Direito”, um curso considerado apreciável na altura. Agora essa história de ir para Letras era muito estranha. O Medeiros Ferreira foi, no entanto, para Letras.

Como foi já dito e retomando o fio da sua vida, veio a integrar-se no Partido Socialista onde teve uma acção notável. Começou por estar na Assembleia Constituinte, onde fez parte de um grupo especialmente activo na afirmação dos princípios democráticos na Constituição de 1976 e lembro-me, mais uma vez, de uma extraordinária manifestação de coragem da sua parte. Nessa altura, a imprensa era mais ou menos tão controlada como agora, só que por forças do espectro oposto àquele que agora a controlam. Os trabalhos da Assembleia Constituinte das duas uma: ou eram ignorados ou ridicularizados. O Medeiros Ferreiros tomou a palavra para denunciar isto. A resposta dos jornalistas foi saírem todos da sala, ofendidos e, obviamente, pagou durante vários anos com o péssimo tratamento que os jornais lhe deram. Nada que fizesse parar o Medeiros Ferreira, que não se matava assim.

No PS, mais tarde, viria a ser Ministro dos Negócios Estrangeiros. Nessa qualidade, destaco dois aspectos,

um menos conhecido, e a que se atribui menos importância, mas que nos dias que correm é interessante recordar: foi ele que estabeleceu as relações diplomáticas com Angola, reconhecendo a independência de Angola, o que não tinha sido feito até a altura. Era, então, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola José Eduardo dos Santos. Não resisto a uma referência pessoal vaidosa. Fui eu que escrevi o comunicado de estabelecimento das relações Portugal-Angola.

O outro grande aspecto, em que foi companheiro de Mário Soares, foi o projecto de integração europeia. A elaboração dos pedidos de adesão às então Comunidades Europeias, que foi formulado contra uma opinião bastante dominante nos meios económicos e empresariais, que eram favoráveis a um acordo de associação e quer Mário Soares, quer Medeiros Ferreira insistiram na ideia de integração. É óbvio que, do lado das Comunidades, também havia uma grande preferência pela associação, deixando estes países menos desenvolvidos fora do grupo dos ricos, mas Mário Soares e Medeiros Ferreira sempre tiveram a ideia que era preciso juntarmo-nos ao clube das democracias e dos países desenvolvidos.

Mário Soares já referiu que houve um período difícil nas relações entre eles que levou o Medeiros Ferreira à saída do Governo. Mais uma vez, independentemente do julgamento que se faça sobre isso, trata-se de outro acto de coragem, lançando-se para um caminho que ninguém saberia qual viria a ser, pondo em risco uma carreira que se anunciava brilhante, dado que aos 33 anos era Ministro dos Negócios Estrangeiros de um Governo do Partido Socialista. A partir daí, a sua carreira política teve várias *nuances* e passou, designadamente, pelo apoio à segunda candidatura de Eanes e pela fundação do PRD.

Foi eurodeputado, primeiro do PRD, depois independente e, por fim, pelo Partido Socialista, acompanhando o Dr. Mário Soares, número um da lista. Depois, a certa altura, o PS nacional desinteressou-se bastante dele.

Medeiros Ferreira assumiu durante anos um lugar como representante dos Açores na Assembleia da República. Foi durante vários mandatos eleito pelos Açores, por sugestão e convite de Carlos César, e teve mandatos ricos em que se bateu pela melhoria da situação açoriana nas revisões constitucionais e na lei das finanças das regiões. Foi uma actividade muito útil para os Açores. A certa altura, achou que já tinha cumprido o seu contrato com os Açores e a partir daí verificámos a situação espantosa e inacreditável que foi o PS não encontrar nada para ele fazer. Um jornalista que nem sequer o conhecia, Ferreira Fernandes, uma vez escreveu um artigo a perguntar como é que o PS se podia dar ao luxo de desperdiçar alguém como Medeiros Ferreira. É, de facto, uma interrogação importante. O que é que se passou com esse PS que deixou passar o Medeiros Ferreira, e outras pessoas? Que não teve a capacidade de herdar o que melhor havia no partido, abrindo, eventualmente, outros caminhos.

O Medeiros Ferreira não se ficou. Utilizou esse abandono do PS para fazer coisas extremamente úteis do ponto de vista cívico. Passou a ter uma intervenção muito activa na comunicação social, em artigos de jornal, em intervenções na televisão. O seu lado lúdico levou-o a participar em programas sobre futebol, na rádio. Isso contribuiu imenso para a popularidade dele.

Como sabemos, o futebol tem um estatuto em Portugal muito extraordinário. Todos nos lembramos que uma das críticas ao antigo regime era a dos três F's (Fado, Futebol e Fátima). Imaginem lá o que diríamos hoje em dia do futebol, que tem uma importância que nunca teve nesses tempos. O resto também... O fado tornou-se Património da Humanidade. Fátima vou escusar-me a comentar, mas sempre direi quanto aos fados que, quando após a Revolução eram uma actividade quase proscrita, passamos excelentes noites em casas de fado vazias. A Fátima não tenho notícia de que o Medeiros Ferreira tenha ido.

Sobretudo, o Medeiros Ferreira fez uma coisa extraordinária que foi criar um blogue. O formato era



especialmente adequado ao tipo de humor dele, às pequenas frases, curtas, muito directas e irónicas. Li nesse blogue coisas maravilhosas. Os seus últimos anos viram-no verdadeiramente empenhado nesse tipo de actividade.

Quando olhamos e procuramos fazer um balanço final do que foi a vida dele, também não nos podemos esquecer de um outro capítulo que é a Universidade. Expulso das Universidades Portuguesas foi estudar História em Genève. Na cidade suíça, licenciou-se e foi assistente. Veio para Portugal, onde recusou ser professor convidado. Só entrou para a Universidade mediante a prestação de provas de doutoramento. Teve, neste âmbito, um papel notável. Notável pelos temas que introduziu, pela importância que veio dar à História Contemporânea e à História das Relações Internacionais, que eram áreas muito desconhecidas da Universidade, pela enorme generosidade com que orientou várias teses do doutoramento, dando por vezes aos seus orientados ideias de uma originalidade total. É preciso ser muito generoso para ter uma ideia fantástica e dizer a uma pessoa: “olhe, estude isso”. Nem todos os Professores são capazes dessa grandeza de alma.

Há outra coisa muito impressionante que Fernando Rosas testemunha no livro *O Longo Curso* – organizado justamente por dois dos seus mais queridos discípulos: Maria Inácia Rezola e Pedro Aires de Oliveira —, ao afirmar que ele demonstrou que ser político não era incompatível com a vertente académica. Mas demonstrou, também, que o facto de ser poderoso, de ter força, não significava que essa força ganha no exterior, pudesse ser utilizada dentro da Universidade para ganhar o que quer que fosse de estatuto especial para obter qualquer privilégio. Concordo com Fernando Rosas, é absolutamente notável.

Outro aspecto digno de espanto é como Medeiros Ferreira arranjou tanto tempo para escrever tanto e com tanta qualidade, sendo autor de algumas obras absolutamente fundamentais. Desde logo uma História de 25 de Abril, totalmente original. Em muitas áreas, deixou-nos alguns textos do melhor que se escreveu em Portugal. Curiosamente, a área militar foi uma delas, esse tema que o perseguiu toda a vida. O respeito que ganhou junto dos militares mais interessados nos estudos de estratégia foi muito grande. Por exemplo, o General Pezarat Correia, nesse mesmo livro, refere a importância dos seus trabalhos na área da estratégia, no estudo das forças armadas e sublinha a qualidade.

São tantas áreas tantos os interesses dele: a literatura, a filosofia, o cinema, a música.... Meu deus, que vida tão rica, que vida com sentido. Na Universidade, ainda fez uma última intervenção, já depois de reformado em cargos de gestão, não exactamente de gestão mas de direcção, sendo Presidente do Conselho Geral da Universidade Aberta e integrando o Conselho Geral da Universidade de Lisboa, onde estava aquando da sua morte, apesar de nunca ter sido reintegrado formalmente na Universidade, e tinha muito gosto nisto, fazendo-se presente quase até ao fim da vida.

*Não há mapa cor-de-rosa*, o seu último livro, é absolutamente notável. Nele se fala da história maldita da integração europeia, em termos que obtiveram um extraordinário consenso em Portugal, abrindo novas pistas de investigação. Sou-lhe especialmente devedor por este livro que procurei de alguma forma continuar num escrito recente.

Medeiros Ferreira ficará seguramente sempre connosco por muitas razões. Para dizer a verdade, sinto-me tentado a terminar com a invocação de uma música que foi celebrizada pelo Frank Sinatra, que é a *My way* e que acho que se adequa muito aquilo que o Medeiros Ferreira fez durante a vida.

Mas antes disso, posso contar uma última episódio a propósito do Frank Sinatra, a que assisti nos Açores e que é muito revelador dos tais tempos de alegria e brincadeira: um dia, estávamos juntos e apareceu um

senhor que era dono de um restaurante ou qualquer coisa assim, deu-lhe um grande abraço e disse “ eu tenho uma dívida para consigo que na vida toda nunca conseguirei pagar. Você ensinou-me a gostar do Sinatra e, sobretudo, ensinou-me, nos serões do Soares da Graça, a perguntar em inglês *do you wanna dance?* Não queira saber como isto mudou a minha vida”.

O que é certo é que, como diria o Frank Sinatra, ele fez a vida à sua maneira, *he did it his only way*. *Regrets*, não penso que tivesse. Nem sequer *a few*, como o Frank Sinatra. Quer dizer, quem de nós não tem alguns, mas seguramente os dele eram mínimos. Não havia razões nenhuma para tal: Medeiros Ferreira fez a vida que quis, em cada momento, as suas escolhas foram livres e nunca o condicionaram. Teve a felicidade de ser acompanhado pela Maria Emília. É claro que isso para ele foi um ponto de apoio extraordinário, tiveram a felicidade de ter um filho espantoso de quem ele tanto gostava, o Miguel. E depois, a alegria de ver os netos... É verdade que a neta um dia portou-se um bocadinho mal com ele na televisão. Quando Medeiros Ferreira, no âmbito das Sete Maravilhas, foi o padrinho das Sete Cidades, que ganhou foi ao palco com a neta e disse: “Eu estou muito interessado nas coisas ecológicas por causa da minha neta”. Ela começou aos gritos: “Não é nada disso, não estou nada interessada”. A história acabou assim, mas interessada ou não, os netos foram mais um factor de alegria. Assim como o Luís, o Arnaldo, e deixem-me acreditar que os que estamos aqui, muitos dos amigos dele, com quem ele estabeleceu esta enorme comunidade de afectos e de cumplicidades, sem olhar às diferenças ideológicas, etárias, sociais ou o que quer que fosse também. Homens como ele existem muito poucos.